

Capítulo 1

Inglaterra, 1806

Minha querida menina March,

Peço-lhe encarecidamente que me perdoe por ter a presunção suficiente para a contactar desta forma tão pouco convencional...

— Diga-me, então, menina Wickersham, possui alguma experiência?

Algures nas profundezas da desorganizada mansão em estilo jacobino ouviu-se um tremendo estrondo. Embora o corpulento mordomo que estava a realizar a entrevista se tenha sobressaltado visivelmente e a governanta perfilada junto à mesa de chá a ouvir com rígida atenção tenha soltado um gritinho, Samantha recusou-se sequer a pestanejar.

Limitou-se a retirar um maço organizado de papéis da bolsa lateral da mala de viagem de pele coçada pousada junto aos seus pés e a estendê-lo ao mordomo.

— Estou segura de que irá verificar que as minhas cartas de recomendação estão em ordem, Sr. Beckwith.

Apesar de já ser meio-dia, a luz na modesta sala de pequeno-almoço era fraquíssima. Raios de Sol permeavam as brechas das densas cortinas de veludo e descreviam faixas na intrincada

composição cor de rubi do tapete turco. As velas de cera espalhadas por mesas dispersas enchem os cantos de sombras tremeluzentes. A sala tinha um odor bafiento e fechado, como se não fosse arejada há uma eternidade. Não fosse a ausência de coroas de flores pretas no cimo das janelas e dos espelhos, e Samantha teria jurado que alguém muito querido da família que vivia na casa tinha morrido havia pouco tempo.

O mordomo pegou nos papéis da mão branca enluvada de Samantha e desdobrou-os. Enquanto a governanta esticava o longo pescoço para espreitar por cima do ombro do mordomo, Samantha não podia fazer mais do que rezar para que a luz débil funcionasse em seu favor e os impedisse de analisar demasiado de perto as assinaturas escrevinhadas. A Sra. Philpot era uma mulher bem-parecida, de idade indeterminada, tão seca e estreita como o mordomo era redondo. Embora a cara não tivesse rugas, o puxo preto ancorado na nuca apresentava laivos de grisalho.

— Como pode ver, trabalhei como preceitora para o Lorde e a Lady Carstairs durante dois anos — adiantou Samantha ao Sr. Beckwith enquanto ele folheava os papéis superficialmente. — Quando a guerra recomeçou, juntei-me a várias outras preceitoras num voluntariado para tratar dos marinheiros e soldados que voltavam do mar ou da frente com feridas debilitantes.

A governanta não conseguiu disfarçar o ligeiro cerrar dos lábios. Samantha sabia que ainda havia na sociedade quem acreditasse que as mulheres que tratavam dos soldados não passavam de meretrizes. Ao sentir o calor a subir-lhe ao rosto, Samantha levantou mais um pouco o queixo.

O Sr. Beckwith examinou-a por cima dos óculos de armação de metal.

— Tenho de confessar, menina Wickersham, que a menina é um pouco... *mais jovem* do que o que tínhamos em mente. Uma função que requer tanta minúcia pode exigir uma mulher com mais... maturidade. Talvez uma das outras candidatas... — Ao ver a sobrançelha arqueada de Samantha, o Sr. Beckwith deteve-se.

— Não vejo mais nenhuma candidata, Sr. Beckwith — apontou, empurrando os seus próprios óculos enviesados pelo nariz acima. — Dado o generoso, diria até extravagante, salário que oferecem no vosso anúncio, estava à espera de as ver a fazer fila à entrada dos vossos portões.

Ouviu-se outro estrondo, este ainda mais próximo do que o último. Parecia o som de um enorme animal a caminhar aos tropeções na direção do seu covil.

A Sra. Philpot contornou rapidamente a cadeira, com os saiotos engomados a roçar.

— Deseja mais chá, minha querida?

A mão que enchia a chávena com o bule de porcelana tremia tão violentamente que o chá salpicou da borda do pires e respingou para o regaço de Samantha.

— Obrigada — disse Samantha, baixinho, esfregando sub-repticiamente com a luva a mancha que se alastrava.

O chão sob os seus pés estremecia claramente, tal com a Sra. Philpot. O ronco abafado que se seguiu foi temperado por uma série de imprecações afortunadamente impercetíveis. Já não havia como negá-lo. Alguém — ou algo — estava a aproximar-se.

Lançando um olhar assustado para a porta dupla em tons de dourado que dava para os aposentos seguintes, o Sr. Beckwith levantou-se titubeantemente, a sobancelha proeminente a brilhar com o suor.

— Talvez este não seja o momento mais oportuno...

Enquanto estendia as cartas de recomendação a Samantha num movimento impulsivo, a Sra. Philpot usava a outra mão para, em gestos rápidos, depositar a chávena e o pires no carrinho de chá com um ruidoso chocalhar.

— O Beckwith tem razão, minha querida. Vai ter de nos perdoar. Podemos ter sido demasiado precipitados... — A mulher puxou Samantha da cadeira e começou a arrastá-la para longe da porta interior e em direção às portas envidraçadas decoradas com espessas cortinas que conduziam ao terraço.

— Mas... a minha mala! — protestou Samantha, lançando um olhar rápido e impotente por cima do ombro para a mala de viagem.

— Não se aflija, minha filha — tranquilizou-a a Sra. Philpot, rangendo os dentes num sorriso benevolente. — Um dos lacaios levá-la-á para o seu cavalo de aluguer.

Quando os ruídos estrondosos e as imprecações aumentaram, a mulher cravou as unhas na lâ robusta e castanha da manga de Samantha e puxou-a bruscamente para que se despachasse. O Sr. Beckwith apressou-se a seguir à frente delas e escancarou uma das portas de pé-direito, inundado a escuridão com a luz brilhante do sol de abril. Mas antes de a Sra. Philpot conseguir atravessá-la e levar Samantha com ela, o misterioso estrépito parou.

Os três viraram-se ao mesmo tempo para olhar para as portas douradas do outro lado da sala.

Por um instante, não se ouviu nenhum som a não ser o delicado tiquetaque do relógio dourado francês na cornija da lareira. Depois, ouviu-se um barulho curiosíssimo, como se algo estivesse a apalpar ou talvez até a arranhar as portas. Algo grande. E zangado. Samantha deu um passo involuntário para trás; a governanta e o mordomo trocaram um olhar de apreensão.

As portas abriram-se de rompante e embateram violentamente nas paredes. Na ombreira da porta não estava uma besta, mas um homem — ou o que o restava de um homem depois de todo o verniz da boa educação da sociedade ter sido removido. O cabelo dourado, desgrenhado por negligência, caía bem abaixo dos ombros. Os ombros não estavam longe de ocupar toda a largura das portas. Um par de calças de pele de camurça pendia das ancas estreitas e abraçava cada curva das pernas e das coxas musculadas. A barba de vários dias ensombrava-lhe o maxilar e conferia um ar de pirata ao seu rosto. Se o homem tivesse um sabre entre os dentes, Samantha sentiria a tentação de fugir da casa a sete pés com medo de perder a sua virtude.

O homem estava de meias, não calçava botas. Um plastrão amarrotado pendia, mal apertado, do pescoço, como se alguém tivesse tentado fazer o nó várias vezes até acabar por desistir de frustração. A camisa de cambraia fina estava com a fralda de fora e sem metade dos botões, revelando uma fatia chocante de peito bem musculado ligeiramente coberto de pelo louro.

Aprumado na penumbra da ombreira da porta, esticou a cabeça num ângulo estranho, como se estivesse a ouvir algo que mais ninguém conseguia ouvir. As narinas aristocratas dilataram-se.

A penugem na base da nuca de Samantha eriçou-se. Samantha não conseguia livrar-se da sensação de que era o cheiro dela que ele procurava, que era a *ela* que ele perseguia. Estava quase a convencer-se de que estava a ser ridícula quando ele olhou em frente, com a elegância de um predador natural, e começou a encaminhar-se diretamente para ela.

Mas, no seu caminho, havia uma enorme otomana. No preciso momento em que um grito de advertência ficou tolhido na garganta de Samantha, o homem caiu sobre a otomana e estatelou-se no chão.

Muito pior do que a queda foi a forma como ele se limitou a ficar deitado, como se não houvesse nenhuma boa razão para se levantar. Fosse quando fosse.

Samantha não conseguiu fazer mais do que observar, paralisada, Beckwith a precipitar-se para junto da criatura.

— Vossa excelência! Pensávamos que ainda estava a dormir a sesta!

— Lamento desiludi-lo — disse o conde de Sheffield num falar arrastado e com a voz abafada pelo tapete. — Alguém se deve ter esquecido de me cobrir no meu berço.

Quando ele sacudiu a mão do criado que lhe agarrava o braço e se levantou, cambaleante, os raios de sol que penetravam na sala pela porta aberta incidiram-lhe diretamente no rosto.

Samantha sobressaltou-se.

Uma cicatriz recente, ainda vermelha e inflamada, cindia-lhe o canto do olho esquerdo e continuava pela bochecha abaixo como um raio recortado que retesava a pele adjacente. Aquele fora, no passado, o rosto de um anjo, com o tipo de beleza masculina reservado apenas a príncipes e serafins. Mas, entretanto, tinha sido marcado para sempre pela insígnia do Diabo. Talvez não tenha sido o Diabo, pensou Samantha, mas o próprio Deus, por estar cioso de que um mero humano pudesse aspirar a tamanha perfeição. Ela sabia que deveria sentir repulsa, mas não conseguia desviar o olhar do homem. De certa maneira, a sua beleza arruinada tinha um apelo que a perfeição nunca poderia alcançar.

O homem usava a sua desfiguração como uma máscara que escondia qualquer ponta de vulnerabilidade. Mas não podia fazer nada para disfarçar o pasmo permanente nos olhos verdes como a espuma do mar. Olhos que não viam Samantha, olhos que *liam* Samantha.

As narinas voltaram a dilatar-se.

— Há uma mulher aqui — anunciou com profunda convicção.

— Claro que há, vossa excelência — disse a Sra. Philpot jovialmente. — Eu e o Beckwith estávamos a tomar o chá das cinco.

A governanta puxou de novo o braço de Samantha, suplicando-lhe silenciosamente que fugisse. Mas o olhar invisual de Gabriel Fairchild tinha-a pregado ao chão. O conde começou a caminhar na direção ela, mais devagar, mas não com menos determinação do que momentos antes. Samantha percebeu naquele momento que seria imprudente confundir a cautela do conde com fraqueza. O desespero do homem só o tornava mais perigoso. Sobretudo para ela.

Ele investiu sobre ela com tanta convicção que até mesmo a Sra. Philpot se embrenhou nas sombras, deixando Samantha sozinha para o enfrentar. Embora o seu primeiro instinto tenha

sido recuar para se afastar dele, Samantha obrigou-se a fincar o pé e a estufar o peito. O receio inicial de que ele corresse de encontro a ela — ou até de que a atropelasse — era infundado.

Com uma percepção sinistra, o conde deteve-se a pouco mais do que um mero palmo dela e farejou cautelosamente o ar. Samantha não imaginava que o perfume ácido e puro de lúcia-*lima* que salpicara atrás das orelhas pudesse ser tão apelativo para um homem. Mas o olhar no rosto dele quando inspirava e enchia os pulmões com o seu cheiro fê-la sentir-se como uma mulher meio despida num harém, à espera de dar prazer a um sultão. A pele dela formigava de percepção. Era como se ele lhe estivesse a tocar em todo o corpo ao mesmo tempo sem mexer um dedo.

O conde começou a andar à volta dela, e ela virou-se para o acompanhar; algum instinto primitivo se recusava a confiar nele nas suas costas. Por fim, ele parou, tão perto que ela conseguia sentir o calor animal que a pele dele irradiava e contar cada uma das pestanas de pontas douradas que envolviam aqueles olhos extraordinários.

— Quem é ela? — perguntou, fixando o olhar imediatamente acima do ombro esquerdo de Samantha. — E o que é que ela quer?

Antes de qualquer um dos criados ser capaz de balbuciar uma resposta, Samantha disse com firmeza.

— *Ela*, vossa excelência, é a menina Samantha Wickersham, e *ela* veio candidatar-se à posição de enfermeira de vossa excelência.

O conde baixou o olhar vazio e torceu os lábios como que divertido por encontrar uma presa tão pequena. Deixou escapar um ronco pelo nariz.

— Minha ama, é o que quer dizer? Alguém que me vai cantar uma canção para eu adormecer, dar-me papas de aveia com uma colher e limpar o meu — hesitou o tempo suficiente para pôr ambos os criados a contorcer-se de pavor —, *queixo* se eu me babar?

— Não tenho voz para canções de embalar, e estou certa de que vossa excelência é perfeitamente capaz de limpar o seu próprio... *queixo* — respondeu Samantha com singeleza. — A minha função seria ajudá-lo a adaptar-se às suas novas circunstâncias.

Ele inclinou-se ainda mais na direção dela.

— E se eu não quiser adaptar-me? E se eu apenas quiser que me deixem sozinho para poder apodrecer em paz e sossego nesta maldita casa?

A Sra. Philpot arquejou, mas Samantha não se deixou chocar pela profanidade leviana do conde.

— Não precisa de corar por minha causa, Sra. Philpot. Posso assegurar-lhe que não é a primeira vez que me vejo perante birras infantis. Durante o período em que trabalhei como preceptora, as jovens crianças que estavam ao meu cuidado deleitavam-se a testar os limites da minha indulgência, mostrando-se endiabradas sempre que eu não lhes fazia as vontades.

Ao ser comparado com uma criança obstinada de 3 anos, o conde suavizou a voz para um registo de murmúrio ameaçador.

— E devo partir do princípio de que as curou desse hábito?

— Com o tempo necessário. E com paciência. Aparentemente, neste momento, vossa excelência tem o dom de dispor de um e eu de dispor da outra.

O conde assustou-a quando se virou na direção do Sr. Beckwith e da Sra. Philpot.

— O que vos faz pensar que esta aqui há de ser diferente de qualquer uma das outras?

— Outras? — repetiu Samantha, erguendo uma sobrancelha.

O mordomo e a governanta trocaram um olhar de culpa.

O conde voltou a rodar o tronco em direção a Samantha.

— Suponho que se esqueceram de mencionar as suas antecessoras. Vejamos, primeiro foi a velha Cora Gringott. Era quase tão surda como eu sou cego. Fazíamos um belo par, não haja dúvidas. Eu passava a maior parte do tempo a apalpar o terreno

à minha volta para encontrar a corneta acústica e poder soprá-la. Se a memória não me falha, penso que durou menos de duas semanas.

O conde começou a andar de um lado para o outro à frente de Samantha, precisamente quatro longas passadas para a direita e quatro longas passadas para a esquerda. Era fácil imaginá-lo a andar de um lado para o outro no convés de um navio com um controlo tão fácil e natural, o cabelo dourado a esvoaçar ao sabor do vento, o olhar penetrante fixado no horizonte distante.

— Depois veio aquela fedelha de Lancashire — prosseguiu. — Foi desde o início uma criatura deveras assustadiça. Mal se ouvia a voz dela. Nem se deu ao trabalho de levar o salário ou de arrumar os pertences antes de se ir embora. Limitou-se a fugir aos gritos no meio da noite como se algum lunático a tivesse atacado.

— Imagine-se — murmurou Samantha.

Ele deteve-se por breves instantes; depois continuou a andar de um lado para o outro.

— E ainda na semana passada perdemos a extremosa viúva Hawkins. Parecia ser dona de uma constituição mais robusta e de uma inteligência mais aguçada do que as outras. Antes de sair daqui esbaforida, recomendou ao Sr. Beckwith que contratasse não uma enfermeira, mas um guarda de jardim zoológico, uma vez que era óbvio que o seu amo devia estar preso numa jaula. — Samantha sentiu-se quase feliz por ele não a poder ver a contorcer os lábios. — Ora, como vê, menina Wickersham, não existe auxílio que me valha, sobretudo vindo de si. Por isso, é melhor apressar o passo de volta à sala de aula, ou ao quarto de criança, ou a qualquer outro lugar de onde tenha vindo. Não há necessidade de desperdiçar nem mais um pouco do seu precioso tempo. Nem do meu.

— Ora, vossa excelência! — protestou Beckwith. — Também não é necessário ser deselegante com a jovem senhora.

— Jovem senhora? Ah! — O conde estendeu a mão, quase decapitando uma fícus que parecia não ser regada há mais de uma década. — Consigo perceber pela voz dela que é uma criatura acre e azeda sem um grama de suavidade feminina no porte. Se vai contratar outra mulher para tratar de mim, provavelmente encontraria uma capaz de me servir melhor em Fleet Street. Não preciso de uma enfermeira! O que eu preciso é de uma boa...

— Vossa excelência! — gritou a Sra. Philpot.

O amo dela podia ser cego, mas não era surdo. O brado escandalizado da mulher silenciou-o mais eficazmente do que um golpe. Com o espectro de um charme que no passado deveria fazer parte da sua segunda natureza, o conde rodou sobre um calcanhar e curvou-se para a cadeira de braços imediatamente à esquerda do local onde Samantha se encontrava.

— Espero que me perdoe a minha *birra infantil*, menina. Desejo-lhe um bom dia. E uma boa vida.

O conde reorientou-se na direção vaga das portas da sala e seguiu em frente com determinação, recusando-se a abrandar o passo ou a apalpar o caminho à sua frente. Poderia ter chegado ao seu destino se o joelho não tivesse embatido no canto de uma mesa baixa de mogno com força suficiente para fazer Samantha estremecer em solidariedade. Rosnou uma imprecação e deu um pontapé feroz na mesa, levando-a a embater com estrondo contra a parede mais distante. Precisou de três tentativas para encontrar os puxadores de marfim, mas acabou por conseguir bater com as portas depois de sair, produzindo um estrépito impressionante.

À medida que se afastava e se embrenhava na casa, os estampidos e as imprecações esporádicas desvaneceram-se até não restar senão silêncio.

A Sra. Philpot fechou cuidadosamente as portas envidraçadas, voltou para o carrinho de chá e encheu uma chávena para si. Sentou-se na ponta do sofá como se fosse ela própria uma visita, com a chávena a chocalhar violentamente contra o pires.

O Sr. Beckwith deixou-se cair pesadamente ao lado dela. Retirou um lenço engomado do bolso do colete e limpou o sobrolho húmido antes de lançar um olhar de contrição a Samantha.

— Creio que lhe devemos um pedido de desculpas, menina Wickersham. Não fomos inteiramente francos.

Samantha instalou-se na cadeira de braços e cruzou as mãos enluvadas sobre o regaço, surpreendida por descobrir que, também ela, estava a tremer. Grata pelo refúgio proporcionado pela penumbra, disse:

— Bem, o conde não é exatamente o simpático cavalheiro inválido que descreveram no vosso anúncio.

— Ele não está em si desde que voltou daquela desditosa batalha. Se tivesse tido a oportunidade de conhecer o jovem encantador de antes... — A Sra. Philpot engoliu em seco, os olhos cinzentos a reluzirem com as lágrimas.

Beckwith entregou-lhe o seu lenço.

— A Lavinia tem razão. Ele era um cavalheiro do mais fino recorte, um verdadeiro príncipe entre os homens. Às vezes, temo que o golpe que o cegou possa ter-lhe afetado o espírito também.

— Ou, pelo menos, os modos — apontou Samantha secamente. — A inteligência não parece ter sido atingida em demasia.

A governanta limpou levemente o fino nariz.

— Ele foi sempre um rapaz muito inteligente. Sempre muito rápido com um dito espirituoso ou a fazer uma soma. Raramente o via sem um livro debaixo do braço. Quando ele era pequeno, costumava ter de lhe tirar a vela de perto da cama na hora de dormir com medo de que ele levasse um livro às escondidas e pegasse fogo aos cobertores.

Samantha tremeu ao perceber que até aquele prazer lhe fora privado. Era difícil imaginar o que esperar de uma vida sem o consolo que os livros podiam dar.

Beckwith assentiu com a cabeça afetuosamente, os olhos a brilhar perante as memórias de tempos mais felizes.

— Ele sempre foi o orgulho e a alegria dos pais. Quando teve aquela ideia absurda de se alistar na Marinha Real, a mãe e as irmãs entraram em histeria e suplicaram-lhe que não fosse, enquanto o pai, o marquês, ameaçou deserdá-lo. Mas, quando chegou o dia de ele embarcar, juntaram-se todos nas docas para lhe gritarem bênçãos e lhe acenarem os lenços.

Samantha ajeitou as costas das luvas.

— É bastante incomum um homem da nobreza, sobretudo um primogénito, seguir uma carreira na Marinha, não é verdade? Pensava que o Exército atraía os ricos e os fidalgos, ao passo que a Marinha Real era o refúgio dos pobres e dos ambiciosos.

— Ele nunca quis explicar a sua escolha — ressaltou a Sra. Philpot. — Disse apenas que tinha de seguir o coração, para onde quer que ele o levasse. Recusou comprar um lugar na hierarquia, como fizeram muitos outros, e insistiu em chegar lá por mérito próprio. Quando receberam a notícia de que o filho tinha sido promovido a tenente a bordo do *HMS Victory*, a mãe verteu lágrimas de alegria e o pai ficou tão orgulhoso que por pouco não fez rebentar os botões do colete.

— O *Victory* — murmurou Samantha. O nome do navio revelara-se profético. Com a ajuda dos restantes navios da frota, tinha arrasado a marinha de Napoleão ao largo do cabo de Trafalgar e destruído o sonho do imperador de ser o senhor dos mares. Mas o preço da vitória fora elevado. O Almirante Nelson vencera a batalha, mas perdera a vida, tal como muitos dos jovens que lutaram com tremenda valentia ao lado dele.

As dívidas deles tinham sido pagas na totalidade, mas Gabriel Fairchild haveria de continuar a pagar para o resto da vida.

Samantha sentiu um assomo de raiva.

— Se a família dele lhe dedica tanta devoção, o que é feito dela agora?

— A viajar no estrangeiro.

— A viver na residência de Londres.

Os criados atiraram as respectivas respostas em unísono, trocando depois um olhar acanhado. A Sra. Philpot suspirou.

— O conde passou a maior parte da sua juventude aqui, em Fairchild Park. De todas as propriedades do pai, sempre foi a sua favorita. Tem uma casa de cidade própria em Londres, claro, mas, dada a natureza cruel dos ferimentos que sofreu, a família achou que era mais fácil para ele recuperar na casa da infância, longe dos olhares predadores da sociedade.

— Mais fácil para quem? Para ele? Ou para a família?

Beckwith desviou o olhar.

— Em defesa da família, na última vez que o vieram visitar, ele praticamente afugentou-os da herdade. Houve um momento em que temi que ele mandasse o couteiro soltar os cães de caça para irem atrás deles.

— Duvido que tenha sido assim tão difícil dissuadi-los. — Samantha fechou os olhos por um instante, e teve dificuldade em recuperar a compostura. Não estava propriamente no direito de julgar a família do conde por falta de lealdade. — Passaram bem mais de cinco meses desde que ele ficou ferido. O médico deu-lhe alguma esperança de que ele pudesse recuperar a visão um dia?

O mordomo abanou a cabeça com tristeza.

— Muito pouca. Houve apenas um ou dois casos documentados em que uma perda como esta tenha sido revertida.

Samantha baixou a cabeça.

O Sr. Beckwith levantou-se, as bochechas carnudas e a postura abatida a dar-lhe a expressão de um buldogue melancólico.

— Espero que nos perdoe por a termos feito desperdiçar o seu tempo, menina Wickersham. Sei que teve de alugar um cavalo para a trazer até aqui. Terei todo o gosto em pagar o seu regresso à cidade do meu próprio bolso.

Samantha pôs-se a pé.

— Não será necessário, Sr. Beckwith. Não vou regressar a Londres por enquanto.

O mordomo trocou um olhar de pura estupefação com a Sra. Philpot.

— Perdão?

Samantha dirigiu-se para a cadeira em que se sentara ao chegar e pegou na mala de viagem.

— Vou ficar aqui. Vou aceitar o cargo de enfermeira do conde. Agora, se tiver a gentileza de pedir a um dos lacaios que vá buscar o meu baú à carruagem e de me encaminhar ao meu quarto, irei preparar-me para iniciar as minhas funções.

Ainda conseguia cheirá-la.

Como que para o provocar, para lhe trazer à memória tudo o que tinha perdido, o olfato de Gabriel havia-se apurado nos últimos meses. Sempre que passava pelas cozinhas nas suas deambulações, bastava-lhe inspirar uma vez para perceber se Étienne, o cozinheiro francês, estava a preparar um fricandó de vitela ou um cremoso molho bechamel para lhe espreitar o apetite. O mais débil sopro de fumo de lenha era suficiente para lhe dizer se a lareira na biblioteca deserta tinha sido alimentada com mais achas ou se estava reduzida a brasas. Quando caía na cama no quarto, que se tinha tornado mais um covil do que um aposento para dormir, era assaltado pelo cheiro pútrido do seu próprio suor agarrado aos lençóis amarrotados.

Era para o quarto que ele regressava para tratar das feridas e escoriações, era ali que ele se agitava violentamente durante as noites, que se distinguiam dos dias apenas pela sufocante quietude. Nas horas paradas entre o crepúsculo e a madrugada, por vezes sentia-se como se fosse a única alma ainda viva no mundo.

Gabriel levou as costas da mão à testa e fechou os olhos, num hábito antigo. Quando se precipitara até à sala, identificara de imediato a água de lavanda apreciada pela Sra. Philpot e a pomada de cabelo almiscarada que Beckwith aplicava generosamente

nos poucos fios que lhe restavam. Mas não reconhecera a fragrância fresca e soalheira de limões que perfumava o ar. Era um aroma simultaneamente doce e ácido, delicado e arrojado.

A menina Wickersham não cheirava a enfermeira, certamente. A velha Cora Gringott cheirava a bolas de naftalina; a viúva Hawkins, ao amargo rapé de amêndoa que tanto gostava de inalar. A menina Wickersham também não tinha o cheiro da solteirona frígida que ele imaginava quando ela falava. Se os seus modos desprezíveis fossem alguma indicação, os poros deveriam ter emanado uma névoa venenosa de couve com um dia e pó de sepultura.

Quando ele se aproximara dela, fizera uma descoberta ainda mais surpreendente. Por detrás daquele odor lavado e cítrico, estava um cheiro que o enlouquecia e que turvava o pouco que lhe restava dos sentidos e do bom senso.

Ela cheirava a mulher.

Gabriel rosnou por entre dentes cerrados e rangentes. Não sentira sequer a mais leve sensação de desejo desde que acordara no hospital de Londres e descobrira que o seu mundo havia ficado negro. Porém, o cheiro quente e doce da pele da menina Wickersham evocara uma mistura vertiginosa de memórias envoltas numa nuvem escarlate: beijos roubados num jardim iluminado pela Lua, murmúrios enrouquecidos, a suavidade acalorada da pele de uma mulher sob os seus lábios. Todos os prazeres que ele jamais voltaria a conhecer.

Abriu os olhos, mas o mundo continuou a ser um aglomerado de sombras. Talvez as palavras que ele atirara a Beckwith fossem verdadeiras. Talvez ele precisasse realmente de contratar os serviços de outro tipo de mulher. Se fosse suficientemente generoso no pagamento, ela poderia até ser capaz de olhar para o seu rosto arruinado sem se retrair. Mas que diferença faria se se retraísse? Ele nunca o saberia. Talvez enquanto ela cerrasse bem os olhos e fizesse de conta que ele era o cavalheiro dos seus sonhos, ele pudesse fazer de conta que ela era o tipo de mulher

que suspiraria o seu nome e sussurraria promessas de devoção eterna.

Promessas que ela não teria intenção de cumprir.

Gabriel saltou para fora da cama. Raios partissem aquela Wickersham! Ela não tinha o direito de o tentar de maneira tão amarga e ainda assim ter um aroma tão doce. Felizmente ele dera ordens a Beckwith para que a mandasse embora. No que lhe dizia respeito, ela não precisava de voltar a incomodá-lo.

Capítulo 2

Minha querida menina March,

Malgrado a minha reputação, posso assegurar-lhe que não tenho por hábito envolver-me em correspondência clandestina com todas as jovens adoráveis que despertem os meus sentidos...

Na manhã seguinte, enquanto descia às apalpadelas as escadas que conduziam ao coração de Fairchild Park, Samantha sentia-se quase como se tivesse ficado cega. Não havia uma única janela da mansão que não estivesse coberta. Era como se a casa, bem como o seu dono, tivesse sido atirada para um qualquer reino das trevas eternas.

Uma tocheira isolada ardia ao fundo das escadas, lançando apenas a luz suficiente para que ela visse que as pontas dos dedos que arrastara pelo corrimão estavam cheias de pó. Com um esgar, limpou-as à saia. Dado que a casimira era cinzento-acastanhada, Samantha duvidava que alguém viesse a reparar.

Nem mesmo aquela escuridão opressiva conseguia ocultar completamente a lendária riqueza dos Fairchilds, que transformara a nobre família no alvo da inveja da alta sociedade. Tentando não se sentir intimidada pelos séculos de privilégios em exposição, Samantha deixou as escadas e dirigiu-se para

o vestíbulo. Havia muito tempo que a casa tinha sido renovada, liberta dos painéis escuros e dos arcos Tudor das suas sombrias raízes jacobinas. As sombras dançavam sobre a imensidão brilhante do mármore italiano com veios cor-de-rosa que pisava. Cada elegante arco com cornijas ornamentadas, cada arabesco de flores ou vasos em relevo de massilha que adornava o lambрил tinha sido pintado de bronze ou de ouro. Até o modesto quarto que a Sra. Philpot atribuía a Samantha tinha um vitral na bandeira da porta e paredes revestidas com damasco de seda.

Beckwith frisara que o seu amo fora, no passado, «um príncipe entre os homens». Olhando em volta para a opulência pretensiosa, Samantha fungou. Talvez não seja difícil aspirar a tal título quando se é criado num palácio.

Determinada a encontrar o seu mais recente incumbido, decidiu empregar uma das armas do seu próprio arsenal. Esticou a cabeça para o lado, pôs-se muito quieta e ficou à escuta.

Não ouviu nenhum estrondo nem qualquer grito, mas ouviu o tilintar sonoro e musical de pratos e objetos de vidro. Um som que se tornou claramente menos musical quando uma explosão de vidro a estilhaçar foi seguida por uma imprecação selvagem. Embora Samantha tenha estremecido, um sorriso triunfante assomou-lhe aos lábios.

Recolheu as saias, deslizou pela sala de pequeno-almoço onde fora realizada a sua entrevista e saiu pela porta oposta, seguindo o barulho. À medida que avançava a passo rápido pelas diferentes salas, foi sendo forçada a contornar vários vestígios da passagem do conde. As suas botinas robustas triturravam porcelana partida e madeira escavacada. Quando parou para endireitar com cuidado uma delicada cadeira Chippendale, viu a cara estalada de uma estatueta de porcelana de Meissen a rir-se para ela.

A destruição não a surpreendeu, dada a inclinação de Gabriel para investir temerariamente pela casa fora sem atender à sua falta de visão.

Passou sob um arco elegante. A falta de janelas na sala de jantar negava ao cavernoso aposento até o mais pequeno vislumbre de luz do dia. Não fossem as velas a arder nos braços dos castiçais em cada um dos lados da majestosa mesa e Samantha podia temer ter entrado na cripta da família.

Um par de lacaios com farda da Marinha guardava o aparador em mogno, perfilados, hirtos e atentos sob o olhar vigilante de Beckwith. Nenhum deles pareceu ter reparado em Samantha, parada à porta. Estavam ambos demasiado preocupados em escrutinar todos os movimentos que o seu amo fazia. Quando o cotovelo do conde empurrou uma taça de cristal para a extremidade da mesa, Beckwith fez um sinal discreto. Um dos lacaios apressou-se a dar um passo em frente e a pegar na taça cambaleante antes que caísse. Cacos de porcelana e vidro cobriam o chão em volta da mesa, uma prova dos seus anteriores fracassos.

Samantha estudou os ombros largos e os antebraços musculados de Gabriel, admirando-se de novo com a imponência do porte do homem. Provavelmente, seria capaz de agarrar o seu delicado pescoço entre o dedo polegar e o indicador. Se a conseguisse encontrar, claro.

O cabelo dele brilhava à luz das velas, a melena desgrehada penteada apenas por dedos impacientes desde que ele rolara para fora da cama. Trazia a mesma camisa amarrotada que usava na noite anterior; porém, agora, estava manchada de gordura e besuntada de chocolate. No entanto, arregaçara as mangas até aos cotovelos sem cerimónia, evitando que os folhos dos punhos se arrastassem pelo prato.

O conde levou uma fatia fina de bacon à boca e rasgou um pedaço da carne tenra com os dentes. Depois apalpou o prato à sua frente. Samantha olhava para o prato com a testa franzida. Não havia um único talher à vista, o que poderia explicar a razão por que Gabriel estava a retirar os ovos assados de um ramequim de porcelana com a mão em concha e a levá-los aos poucos à boca. Acabou de comer os ovos e empurrou um pão de leite

pela boca adentro. Lambeu os lábios, mas deixou escapar uma gota de mel no canto da boca.

Embora se sentisse como uma espia do pior, Samantha não conseguia desviar o olhar daquela gota de mel isolada. Não obstante a medonha falta de maneiras à mesa, havia algo descaradamente sensual na forma como ele comia, na determinação crua que revelava em satisfazer os seus apetites à revelia das convenções. Quando arrebanhou uma costeleta acabada de fazer e começou a roer a carne diretamente do osso, os sucos começaram a escorrer-lhe pelo queixo. Parecia uma espécie de guerreiro ancestral logo após arrasar os inimigos e violar as suas mulheres. Samantha quase que esperava que ele lhe acenasse com o osso e bramisse: «Mais cerveja, sua vadia!»

De repente, o conde deteve-se e farejou o ar com uma expressão ferina. Samantha também dilatou as suas próprias narinas, mas não conseguiu sentir mais do que o cheiro de bacon.

O conde levou a costeleta de volta ao prato e disse com ameaçadora calma:

— Beckwith, é melhor que me informe que acabou de trazer lúcia-lima fresca para o meu chá.

Ao vislumbrar Samantha, os olhos do mordomo arregalaram-se de imediato.

— Receio que não, vossa excelência. Mas, se desejar, vou buscar um pouco imediatamente.

Gabriel lançou-se para o outro lado da mesa para tentar agarrar cegamente o mordomo, mas Beckwith já estava a desaparecer pela porta do lado oposto, com a cauda do casaco a esvoaçar atrás de si.

— Bom dia, vossa excelência — disse Samantha suavemente, deslizando para uma cadeira à frente dele, mas bem longe do seu alcance. — Terá de perdoar o Sr. Beckwith. É óbvio que tinha deveres mais prementes.

Gabriel recostou-se na cadeira com o semblante carregado.

— Esperemos que entre esses deveres se conte escrever algumas cartas de recomendação e fazer as malas. Depois podem voltar ambos juntos para Londres.

Ignorando o remoque, Samantha sorriu educadamente para os lacaios paralisados. Com as bochechas naturalmente coradas, os narizes sardentos e os caracóis castanhos desgrenhados, nenhum dos dois parecia ter muito mais de 16 anos. Numa análise mais cuidada, Samantha percebeu que não eram apenas irmãos. Eram gémeos.

— Estou esfomeada esta manhã — disse ela. — Posso tomar algo para o pequeno-almoço?

Mesmo sem a sua visão, Gabriel deve ter sentido a hesitação dos lacaios. Afinal de contas, não era propriamente de bom-tom um criado jantar na mesa do amo.

— Sirvam a senhora, seus idiotas! — gritou. — Não seria muito hospitaleiro enviar a menina Wickersham na sua viagem com o estômago vazio.

Os lacaios apressaram-se a cumprir a ordem do conde, quase embatendo de cabeça um com o outro enquanto colocavam atabalhoadamente os pratos e os talheres em frente a Samantha e enchiam uma bandeja no aparador. Samantha ofereceu um sorriso a um deles por cima do ombro e aceitou o ramequim de ovos, um pão de leite e várias fatias de bacon. Tinha a sensação de que ia precisar de toda a força que possuía.

Quando o outro laçao lhe encheu uma chávena de chá a fumar, Samantha disse a Gabriel:

— Passei a noite passada a instalar-me no meu quarto. Achei que não se iria importar que eu esperasse até de manhã para iniciar as minhas funções.

— A menina não tem nenhuma função para iniciar — respondeu ele, voltando a levar a costeleta aos lábios. — Está dispensada.

Samantha alisou um guardanapo de linho no colo e bebeu delicadamente um gole do chá fumegante.

— Receio que vossa excelência não tenha autoridade para me dispensar. Não trabalho para si.

Gabriel pousou a costeleta, as suas sobrancelhas em tons dourados formando uma nuvem tenebrosa sobre a cana do nariz.

— Perdão? Também devo estar a perder a audição.

— Aparentemente, o seu fiel Sr. Beckwith contratou-me por ordem do seu pai, o que fazia do marquês de Thornwood, Theodore Fairchild de seu nome, o meu patrão. Até que ele me informe de que os meus serviços como sua enfermeira deixaram de ser necessários, vou esforçar-me por executar as minhas funções de maneira a satisfazê-lo a *ele*, não a vossa excelência.

— Bem, é uma felizarda, então, uma vez que a única coisa que me satisfaria seria a sua partida imediata.

Usando faca e garfo, Samantha cortou uma fatia tenra do pedaço de bacon.

— Nesse caso, receio que esteja condenado a manter-se insatisfeito.

— Apercebi-me disso no momento em que ouvi a sua voz — resmungou ele.

Recusando-se a dignificar o insulto provocatório com uma réplica, Samantha acolheu o bacon nos lábios.

Com os dois cotovelos sobre a mesa, Gabriel deixou escapar um suspiro ventoso.

— Diga-me, então, menina Wickersham, como minha nova enfermeira, qual é a função que quer executar primeiro? Talvez deseje começar por me alimentar?

Samantha pôs os olhos no brilho voraz dos dentes brancos que rasgavam mais um naco de carne da costeleta e disse:

— Dado o seu... hum... *desenfreado entusiasmo* pelo seu sustento, ficaria um pouco preocupada se tivesse de aproximar tanto os meus dedos da sua boca.

Um dos lacaios sofreu um súbito ataque de tosse, o que lhe valeu uma cotovelada nas costelas do acarrancado irmão.

Gabriel arrancou o resto da carne da costeleta e atirou o osso para a mesa, ficando longe de acertar no prato.

— Devo presumir que considera as minhas maneiras à mesa deficientes?

— Só nunca me tinha apercebido de que a cegueira impedia a utilização de guardanapos e talheres. Se comesse com os pés, não ficaria mais mal servido.

Gabriel ficou quedo. A pele retesada em volta da cicatriz tornou-se mais branca, o que conferiu à insígnia do diabo um aspeto ainda mais sinistro. Naquele momento, Samantha sentiu-se assaz contente por ele não ter uma faca nas mãos.

Gabriel pousou o longo braço nas costas da cadeira ao seu lado e curvou todo o corpo em direção à voz de Samantha. Embora ela soubesse que ele não a podia ver, Gabriel fitou-a tão intensamente que Samantha teve de lutar contra a vontade de se encolher.

— Tenho de confessar que me intriga, menina Wickersham. Expressa-se com erudição, mas não sou capaz de identificar o seu sotaque. Foi educada na cidade?

— Chelsea — atirou Samantha, duvidando que ele tivesse tido muitas oportunidades para frequentar o bairro no lado norte de Londres. Bebeu um trago demasiado generoso de chá e queimou a língua.

— Tenho muita curiosidade em saber como é que uma mulher do seu... hum... *caráter* veio à procura de um cargo como este? Terá sido caridade cristã? Um desejo avassalador de ajudar o seu semelhante? Ou terá sido, porventura, a sua terna compaixão para com os enfermos?

Samantha afundou a colher na tigela de porcelana, encheu-a de ovo e disse com acutilância:

— Entreguei várias cartas de recomendação ao Sr. Beckwith. Estou certa de que verificará que são perfeitamente válidas.

— Caso não tenha reparado — retorquiu Gabriel, num tom ligeiramente trocista —, não tive a possibilidade de as ler. Talvez me possa elucidar sobre quais eram os respetivos conteúdos.

Samantha pousou a colher ao lado da tigela.

— Como informei ao Sr. Beckwith, fui precetora do Lorde e da Lady Carstairs durante quase dois anos.

— Eu conheço a família.

Samantha ficou tensa. Ele podia saber da existência da família, mas será que a conhecia?

— Depois do reinício das hostilidades com os franceses, li no *Times* que muitos dos nossos nobres soldados e marinheiros estavam a sofrer por falta de cuidados. Por isso, decidi oferecer os meus serviços a um hospital local.

— Continuo sem compreender por que razão haveria de deixar de levar a comida à boca de crianças com uma colher para passar a fazer curativos em feridas sangrentas e segurar as mãos de homens enlouquecidos pela dor.

Samantha teve dificuldade em reprimir a emoção da voz.

— Aqueles homens estavam dispostos a sacrificar tudo pelo rei e pelo país. Como poderia eu deixar de oferecer o meu pequeno sacrifício também?

Ele resfolegou.

— A única coisa que eles sacrificaram foi o discernimento e o bom senso. Venderam-nos à Marinha Real por uma peça de tecido fino bem engomada e uns galõezinhos dourados brilhantes nos ombros.

Samantha franziu a testa, chocada com o cinismo de Gabriel.

— Como pode dizer algo tão cruel? Porquê, se o próprio rei o louvou pela sua bravura?!

— Isso não deveria surpreendê-la. A Coroa tem uma longa história de premiar sonhadores e tolos.

Esquecendo-se de que ele não a podia ver, Samantha levantou-se um pouco da cadeira.

— Tolos não! Heróis. Heróis como o próprio comandante de vossa excelência, nem mais nem menos do que o Sr. Almirante Nelson!

— O Almirante Nelson morreu — disse ele secamente.
— Não sei dizer se isso faz dele mais herói ou menos tolo.

Derrotada naquele momento, Samantha voltou a cair sobre a cadeira.

Gabriel levantou-se, usando as costas das cadeiras para se orientar em volta da mesa. À medida que as poderosas mãos do conde se aproximavam dos florões esculpidos da sua cadeira, Samantha fez tudo o que podia para não fugir. Ao invés, olhou fixamente em frente, a respiração rápida audível aos seus próprios ouvidos, bem como aos dele.

Ele dobrou-se tanto que ficou com os lábios perigosamente perto de roçar o alto da cabeça de Samantha.

— Estou certo de que a sua devoção à sua profissão é sincera, menina Wickersham. No entanto, no que me diz respeito, até se mostrar razoável e renunciar às suas funções nesta casa, tem apenas uma incumbência. — Gabriel falava suavemente, mas cada palavra era mais ameaçadora do que um berro. — Manter-se longe do raio do meu caminho.

Gabriel deixou-a com este aviso e passou rente ao laçao, que se precipitou para a frente para lhe oferecer o braço. Embora tivesse chegado à conclusão de que não a surpreendia ele ter decidido seguir aos tropeções no meio da escuridão em vez de aceitar uma ajuda, Samantha não deixou de estremecer ao ouvir um sonoro estrondo a ressoar algures na casa.

Samantha ficou sem nada para fazer com a sua manhã a não ser deambular pelas salas escurecidas de Fairchild Park. O silêncio era quase tão opressivo como a escuridão. Não se notava nenhum do afã eficiente que seria de esperar numa próspera casa de campo de Buckinghamshire. Não havia camareiras a passar laboriosamente com espanadores de penas pelos corrimãos e lambris, não havia lavadeiras a subir as escadas a custo com cestos de roupa de cama acabada de lavar, não havia lacaios a carregar

braçadas de lenha para abastecer as lareiras. Todas as lareiras por que Samantha passava estavam frias e escuras, as brasas reduzidas a cinzas. Querubins esculpidos olhavam para ela compungidos, apoiados em cornijas de lareiras em mármore ornado, com as bochechas anafadas manchadas de fuligem.

A mão-cheia de criados que Samantha encontrou parecia andar a rastejar de um lado para o outro sem nenhuma tarefa específica em mente. Depois de a ver, voltavam a fundir-se na penumbra, as vozes nunca levantadas acima do suspiro. Nenhum deles parecia estar com pressa de ir buscar uma vassoura para varrer a mobília estilhaçada e os cacos de porcelana que sujavam os chãos.

Samantha empurrou um par de portas duplas no final da galeria envolta em sombras. Escadas de mármore desciam até um vasto salão de baile. Não se tinha permitido muito tempo para caprichos durante os escuros meses de inverno, mas, durante um breve instante, não conseguiu deixar de fechar os olhos. Imaginou a sala inundada por um corrupio de cores, música e amenas cavaqueiras, imaginou-se a ser levantada do chão brilhante pelas mãos fortes de um homem. Conseguia vê-lo a sorrir para ela, ver-se a si própria a sorrir para ele enquanto ela esticava o braço para ajustar os galões dourados que lhe enfeitavam os ombros largos.

Samantha abriu os olhos. Abanou a cabeça perante os seus devaneios e bateu com as portas do salão de baile. A culpa era do conde. Se ele lhe permitisse executar as funções para as quais tinha sido contratada, ela poderia ser capaz de manter a sua imaginação traiçoeira sob controlo.

Estava a passar por uma espaçosa sala de visitas, a prestar a mesma atenção que Gabriel prestaria ao que a envolvia, quando o seu pé embateu num tremó caído. Deixou escapar um grito enfurecido e começou a saltitar sobre um só pé, massajando os dedos a latejar de dor através da pele coçada das botas. Se estivesse a usar sapatos de pelica, provavelmente a pancada ter-lhe-ia partido os dedos.

Com os olhos postos nos feixes de luz do Sol que tentavam a todo o custo penetrar no peso sufocante das cortinas de veludo, Samantha pousou as mãos na cintura. Gabriel poderia ter decidido sepultar-se naquele mausoléu, mas ela não.

Samantha vislumbrou algo branco pelo canto do olho, virou-se e viu uma criada com uma touca a passar pela porta em bicos de pés.

Samantha chamou por ela.

— Moça! Rapariga?

A criada deteve-se e voltou-se devagar com evidente relutância.

— Sim, menina?

— Venha cá, por favor. Preciso da sua ajuda para abrir estes cortinados.

A arquejar devido ao esforço que estava a fazer, Samantha empurrou uma volumosa otomana forrada de brocado em direção à janela.

Em vez de se apressar a ir ajudá-la, a criada começou a recuar, apertando as mãos pálidas e sardentas e abanando a cabeça, assustada.

— Não me atrevo, menina. O que iria dizer o senhor?

— Poderia dizer que está a fazer o seu trabalho — arriscou Samantha, subindo para a otomana.

Cada vez mais impaciente com a hesitação da criada, esticou o braço, agarrou duas mãos-cheias de cortinado e puxou com toda a força que tinha. Em vez de deslizarem e se abrirem, os cortinados desprenderam-se imediatamente das suas amarras. Caíram como uma onda, deixando um rasto de veludo e pó que fez Samantha espirrar.

A luz do Sol entrou de jorro pelas portas de pé-direito envidraçadas e iluminou as partículas de pó, que brilhavam com um encanto feérico.

— Oh, menina, não devia ter feito isso! — gritou a criada, que pestanejava como uma qualquer criatura da floresta que

tivesse vivido debaixo de terra durante muito tempo. — Vou chamar imediatamente a Sra. Philpot!

Samantha limpou as mãos na saia, saltou da otomana e inspecionou o seu trabalho manual com satisfação.

— Porque não faz isso mesmo? Não há nada que eu mais deseje do que ter uma conversa com a cara Sra. Philpot.

Com um último clamor inarticulado, a rapariga saiu de rompante da sala com os olhos esgazeados.

Quando uma altiva Sra. Philpot chegou à sala de estar alguns momentos mais tarde, encontrou a nova enfermeira do conde precariamente equilibrada no assento de uma cadeira Luís XIV. A governanta não fez mais do que olhar horrorizada para Samantha, ao vê-la dar um bom puxão aos cortinados que apertava nas mãos. Estes caíram sobre a sua cabeça, enterrando-a numa nuvem de veludo verde-esmeralda.

— Menina Wickersham! — exclamou a Sra. Philpot, levantando uma mão para escudar os olhos da luz do Sol ofuscante que jorrava pelas portas envidraçadas. — O que significa isto?

Samantha desceu do seu poleiro e empurrou as pesadas camadas de tecido para longe. Ao ver o olhar escandalizado da governanta, deu às cortinas amontoadas no centro da sala um aceno de contrição.

— Ia apenas abri-las, mas, depois de ver o pó, percebi que precisavam de arejar lá fora.

Com as mãos no aro de chaves que tinha à cintura como se de um botão do punho de uma espada se tratasse, a Sra. Philpot recompôs-se.

— Eu sou a governanta principal de Fairchild Park. A menina é apenas a enfermeira do amo. Pôr as coisas a arejar não está, de todo, entre as suas incumbências.

Samantha olhou para a mulher, destrancou a porta e abriu-a. Uma suave brisa perfumada de lilás fez-se sentir na sala.

— Talvez não. Mas o bem-estar do meu paciente está. A luz pode nunca mais chegar ao seu amo, mas não há razão para que ele não sinta o ar fresco. Limpar os pulmões pode ajudar a melhorar o estado dele... bem como a sua disposição.

Durante um momento, a Sra. Philpot parecia quase intrigada.

Tirando proveito da hesitação da governanta, Samantha começou a andar pela sala, pantomimando entusiasticamente os seus planos.

— Em primeiro lugar, pensei que devíamos pôr as criadas a varrer todo o vidro enquanto os lacaios carregam toda a mobília partida daqui para fora. Depois, assim que tivermos guardado os objetos frágeis num local protegido, poderemos empurrar a mobília pesada contra as paredes, deixando caminho livre em todos os compartimentos para que o conde possa passar.

— O conde passa a maior parte do tempo no quarto.

— É capaz de o censurar? — perguntou Samantha, pestanejando de incredulidade. — Como se sentiria se sempre que saísse do seu quarto se arriscasse a ferir as canelas ou a partir o crânio?

— Foi o amo quem ordenou que as cortinas se mantivessem fechadas. Foi ele que insistiu para que tudo fosse deixado como estava antes... antes... — A governanta engoliu em seco, incapaz de continuar. — Peço desculpa, mas não posso compactuar com esta oposição aos seus desejos. Nem posso mandar o pessoal sob a minha alçada fazê-lo.

— Então não me vai ajudar?

A Sra. Philpot abanou a cabeça, com uma mágoa genuína a ensombrar-lhe os olhos.

— Não posso.

— Muito bem — anuiu Samantha. — Respeito a sua lealdade para com o seu patrão e a sua devoção ao seu trabalho.

Com estas palavras, virou-se, encaminhou-se para a janela seguinte e começou a puxar as pesadas cortinas.

— O que está a fazer? — gritou a Sra. Philpot ao ver as cortinas a desabarem em cascata.

Samantha atirou a braçada de veludo para cima do monte, puxando depois a porta envidraçada para a abrir e convidar uma inundação de luz do Sol e ar fresco a entrar. Virou-se para a Sra. Philpot, sacudindo o pó das mãos com impetuosidade.

— O meu trabalho.

— Ela ainda continua com aquilo? — sussurrou uma das copeiras para um laçao de bochechas rosadas quando ele entrou nas amplas cozinhas de Fairchild Park.

— Receio que sim — sussurrou ele em resposta, roubando uma salsicha a escaldar do tabuleiro que ela trazia e levando-a à boca. — Não consegues ouvi-la?

Embora a escuridão tivesse caído quase uma hora antes, barulhos misteriosos continuavam a ecoar vindos do piso térreo da casa. As pancadas, os tinidos, os grunhidos e o ocasional arrastar de mobília pesada no chão de madeira não paravam desde o início da manhã.

Os criados passaram o dia tal como tinham passado a maior parte dos outros dias desde o regresso de Gabriel da guerra: reunidos em volta da velha mesa de carvalho em frente da lareira da cozinha, na dependência dos criados, a recordar tempos mais felizes. Naquela noite fria de primavera, Beckwith e a Sra. Philpot sentaram-se diretamente à frente um do outro a beber uma chávena de chá atrás da outra sem falarem nem ousarem olhar-se nos olhos.

Depois de uma pancada particularmente sonora que os fez estremecer a todos, uma das camareiras do andar de cima sussurrou:

— Não acham que deveríamos...

A Sra. Philpot virou-se para ela com um olhar de basilisco que deixou a pobre rapariga paralisada. Depois levantou-se.

ALGUNS SEGREDOS...
E ALGUNS PRAZERES...
EXPLORAM-SE MELHOR NO ESCURO.

Quando Samantha Wickersham chega à propriedade de Fairchild Park decidida a oferecer os seus serviços como enfermeira de Gabriel Fairchild, o conde de Sheffield, ninguém acredita que ela vá aguentar mais do que um dia. A sua tarefa é hercúlea: Gabriel, antes um jovem e atraente oficial da Marinha venerado por todas as mulheres da alta sociedade londrina, é agora um homem destruído. Fragmentos de uma bomba deixaram-no cego na batalha de Trafalgar, e desde então isolou-se de um mundo que não é capaz de lhe oferecer mais do que uma dolorosa paixão.

Samantha está determinada a cumprir o seu dever, mas Gabriel revela-se um homem arrogante, intransigente e mal-humorado. Porém, por detrás da capa sob a qual ele se esconde, Samantha consegue ver o homem sedutor e sentimental que ainda vive dentro dele; um homem que não precisa de visão para deixar uma mulher perdidamente apaixonada.

Trava-se um duelo de vontades quando Samantha tenta fazer com que o seu paciente recupere o orgulho e a alegria de viver. Mas ninguém suspeita de que ela guarda o seu próprio segredo. Um segredo mais sombrio e profundo do que a escuridão em que vive Gabriel.

«Uma história brilhante
e maravilhosamente bem escrita.»

PUBLISHERS WEEKLY

TOPSELLER os livros em primeiro lugar 20 20 editora	ISBN 978-989-564-222-9  9 789895 642229 Ficção Romântica
--	--